



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13202 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT24 - Educação e Arte

TÉCNICA KLAUSS VIANNA E CARIMBÓ: POR UMA FORMAÇÃO DOCENTE QUE RETENHA A SOCIEDADE DA SENSACÃO

Luciana Azevedo Rodrigues - Universidade Federal de Lavras

Márcio Norberto Farias - Universidade Federal de Lavras

Agência e/ou Instituição Financiadora: não possui

TÉCNICA KLAUSS VIANNA E CARIMBÓ: POR UMA FORMAÇÃO DOCENTE QUE RETENHA A SOCIEDADE DA SENSACÃO

Resumo: Este texto reflete sobre as contribuições da Técnica Klaus Vianna (TKV) para um processo criativo de carimbó vivido dentro de um curso de formação docente, observando a prática do movimento corporal realizada em sala de aula à luz das ideias do filósofo contemporâneo C. Türcke sobre a sociedade da sensação, com seus impactos sobre a atenção humana. Argumenta-se que a prática do movimento corporal orientada pelos princípios e fundamentos da TKV assume um sentido ainda mais humanizador quando em diálogo com a Teoria Crítica da Sociedade de C. Türcke que discute a permanência das pessoas diante de suas telas digitais enquanto operam outras atividades, o desinteresse que demonstram pelo mundo real, a dependência de estímulos sonoros e visuais cada vez mais fortes para se atentarem, a ridicularização da pausa, do silêncio, do retomar algo e, sobretudo do partilhar a atenção sobre um mesmo objeto com outras pessoas.

Palavras-chave: Técnica Klaus Vianna; formação docente; sociedade da sensação; movimento corporal; dança.

Introdução

Este texto argumenta que a prática do movimento corporal orientada por princípios e fundamentos na Técnica Klauss Vianna, TKV, assume um sentido ainda mais humanizador quando observada em diálogo com a Teoria Crítica da Sociedade elaborada por C. Türcke, que têm discutido a permanência das pessoas diante de suas telas digitais enquanto operam outras atividades, o desinteresse pelo mundo fora das telas, a dependência de estímulos sonoros e visuais cada vez mais fortes para se atentarem, a ridicularização da pausa, do silêncio, do retomar algo e, sobretudo do estar junto com alguém perante um mesmo objeto. Como desdobramento deste argumento, propõe-se que, trabalhos como a TKV precisam transpor o campo do teatro, da dança e do seu ensino, em direção a processos mais amplos de formação docente, mobilizando e sensibilizando os corpos de futuras/os docentes para o movimento e para o espaço físico e social, abrindo possibilidades para construção de processos criativos comprometidos em reter o turbilhão de choques audiovisuais insensibilizadores, a dessedimentação da atenção e a despotencialização da vivência humana como ser social, criativo e transformador.

Educação e dança somática de Klauss Vianna: por uma atenção prévia delimitada pelo espaço e tempo

Klauss Vianna (1928-1992) não chegou a viver as transformações sociais produzidas com as telas digitais portáteis, mas sua paixão pela dança e suas investigações sobre as estruturas do corpo e seus movimentos, registradas no livro "A dança" (2005) juntamente com o livro de sua aluna Jussara Miller, "Escuta do corpo" (2016) mostram aqui o quão podem contribuir para a retenção dos excessos produzidos com tais telas digitais.

Em seu livro, K. Vianna discorre sobre sua infância fazendo destaque de seu fascínio pelos pés e pelos encaixes dos ossos do esqueleto, do interesse pelo chão, cantos, quintal e móveis da casa onde morava, sublinhando a importância da fantasia e do reino de faz de conta para lidar com os castigos e massacres corporais que sofria na escola e em casa, evidenciando seu reconhecimento de como seu próprio corpo tornou-se ausente frente a tantas condenações. Diz ele: "Só olhava nos olhos quando me dirigiam a palavra. Sem isso, olhar para baixo. Conheci todo o chão de minha casa. E, com muita dificuldade, meu corpo começou a reaparecer: do chão, da base, dos pés. (VIANNA, 2005, p. 24)

Anos depois, já como professor dirá ele "Só quando descubro a gravidade, o chão, abre-se espaço para que o movimento crie raízes" (VIANNA, 2005, p. 93) Este depoimento

sobre como o chão teve um papel fundamental em sua vida e em sua dança assim como o envolvimento com os espaços articulares do corpo e do seu entorno reverberam pelo trabalho de K. Vianna ao longo de toda a sua trajetória.

Observando seu engajamento com o chão, sua busca por enraizamento à luz da filosofia elaborada por C. Türcke que discute o constante comando do "olhe para cá" das telas digitais, se torna possível notar que o afastamento das pessoas em relação ao chão encontrou nas telas um fortíssimo aliado, pois ao condensar não só o universo do lazer, com seus encantos do consumo mas também o do trabalho, a tela se aloja no percurso espacial entre o horizonte e o chão para daí bombardear a atenção das pessoas com estímulos audiovisuais, que devido a sua dinâmica de mudar constantemente de ângulos e cenas não dá espaços a construção de associações, não pausa e assim estilhaça a atenção duradoura reduzindo a uma em atenção dependente do instantâneo e do cada vez mais impactante.

C. Türcke pontua que apenas quando as telas passam a ser onipresentes é que as imagens audiovisuais perdem seu efeito de choque. Isso porque, sendo constantes, não oferecem mais tempo e espaço para que os efeitos de seus choques sejam elaborados mediante a produção de imagens mentais, a reflexão, o diálogo, a socialização e a interação destas imagens no espaço interno e externo das pessoas.

Daí, se defender aqui a ideia de que a escola e a universidade públicas se coloquem hoje como espaços ainda mais radicalmente voltados para propiciar às pessoas se experimentarem em movimentos junto ao chão, a desenvolverem uma outra concepção do espaço sem carteiras assim como perceber sua importância na construção de "diques" de contenção diante da avalanche de estímulos audiovisuais que atingem individualmente o sensorio humano. Pois, tanto a escola quanto a universidade não podem mais ignorar os efeitos dela para as raras chances de construção coletiva de saberes.

Em seu livro "Hiperativos", Türcke discorre sobre os prejuízos que este cenário televisivo produz especialmente às crianças pequenas, que mesmo sem manuseá-la e significá-la já conhece seus efeitos de interromper a atenção vivida com as pessoas de seu entorno. Diz ele:

A criança ainda não vivencia a tela como captor de atenção, que é como a tela se apresenta para o adulto; a criança não sabe fazer muita coisa com seu cintilar e seus ruídos. Mas ela vivencia a tela a absorver a atenção de suas figuras de referência, como sob as reivindicações de atenção que este cenário permanentemente apresenta o afeto dos pais se torna raso e inconsistente [...] o olhar da mãe vagueia de um lado a outro entre a criança e a tela e suas palavras são sobrepostas pelo ruído de fundo. (TÜRCKE, 2016, p. 73)

Para o filósofo, esta interrupção constante tem feito com que a atenção entre adultos e crianças não seja partilhada e dirigida em conjunto a uma mesma coisa, o que seria indispensável para que um bebê adote um comportamento especificamente humano. Diz ele: "[...] Proximidade humana, não apenas físico-emocional, entre os pais e a criança, requer que juntos se voltem para algo que os cativa. [...] ritos de iniciação, os quais [...] desde o nascimento fazem por acolher as crianças na comunidade humana." (TÜRCKE, 2016, p. 73)

Quando este cenário passa a produzir tal interrupção, as imagens audiovisuais passam a assumir um papel fortemente regressivo para a capacidade humana de se concentrar. É com esta mudança nos processos de reprodução das imagens audiovisuais que a palavra sensação também teve seu significado modificado, pois de acordo com TÜRCKE (2010) se a princípio era usada para designar a percepção do comum, passou a ser usada para se referir à percepção do incomum e, depois, para designar o extraordinário.

É neste contexto em que para produzir lucro, o mercado capitalista não pode se contentar em veicular notícias importantes, mas precisa fazer com que as notícias e as pessoas como notícias se tornem importantes por serem veiculadas, que TÜRCKE reflete sobre a atração das pessoas pelas telas reprodutoras de imagens. Tal situação, entretanto, se contrasta quando se observa também a atração demonstrada pelas futuras professoras e pelo futuro professor ao corpo e seus movimentos orientados pela perspectiva de dança e educação somática.

Em nossas observações, o que se notou foi como no processo criativo experimentado junto ao carimbó e junto a perspectiva de dança proposta por K. Vianna houve uma forte dimensão ritualística, em que cada pessoa se assumiu em suas danças e percepções concretas do espaço, de si e uma das outras, o que tem sido ao longo de anos silenciosamente ocupado. Pois antes mesmo das telas como mais novo mecanismo de interdição do chão com seu "olhe para cá", pode-se tomar consciência durante o processo de construção do processo criativo de quão poucos espaços de chão tem sido propiciado às futuras professoras e futuros professores, um chão que assim como um assoalho, propicie uma temperatura e uma textura que convide ao tato, assim como o quintal de que fala K. Vianna que convide ao brincar.

Com esta percepção, se argumenta sobre a importância de ações que ajudem a rever e a reverter tal privação. Pois foi esta especificidade de se construir uma familiaridade com o chão e também de enfatizar um espaço, um tempo determinado com pessoas específicas, que a perspectiva da dança somática em K. Vianna demonstrou forte afinidade com o sentido abrangente de ritual, que C. TÜRCKE argumenta como sendo fundamental para enfrentar o

processo de dilaceramento da capacidade de duas pessoas ou mais dirigirem suas atenções para algo em comum, dividirem um tempo comum, um espaço comum. Tal sentido de ritual proposto por C. Türcke, numa sociedade em que as pessoas têm sido orientadas permanentemente a consumir individualmente os choques audiovisuais, faz com que se proponha aqui tomar o chamado prático, vivido coletivamente, com a perspectiva de dança de K. Vianna como um ritual, que pode atuar como um micro contrafogo irradiador de transformações.

As qualidades que nos pareceram fundamentais foram apresentadas por J. Miller com o que ela chama de os três estados de atenção: o primeiro estado em que a atenção volta para si, o segundo, que volta para o espaço físico e o terceiro que se dirige a outras pessoas pela via do sensível.

Contudo, foi apenas depois da reflexão sobre a vivência em uma oficina presencial oferecida por J. Miller em seu salão do movimento, que se tornou possível observar que na prática, o ponto de partida para os diferentes estados de atenção corresponde a um estado prévio de atenção que apesar de não nomeado explicitamente atravessa o espaço de sua atuação e também a de K. Vianna quando diz: "Antes de tudo, preciso colocar os alunos na sala de aula. Eles precisam descobrir que se encontram entre quatro paredes [...] porque senão a tendência é que as pessoas permaneçam distantes, sem tomar consciência do corpo e do espaço (VIANNA, 2005, p.132). O sentido desta passagem do texto de K. Vianna, se impôs com tenacidade depois da reflexão da vivência realizada junto ao salão do movimento de J. Miller, que oportunizou a exploração de movimentos corporais em diferentes salas. Isso tornou possível compreender que quando K. Vianna se refere a este lugar e às suas paredes, está de fato chamando a atenção para a concretude, à diferença delas mesmo, sobre como elas são e como elas incidem sobre o corpo e como é importante acolher as pessoas dentro deles. Um aprendizado que ao enfatizar tal concretude reporta mais uma vez ao sentido ritual de que Türcke convoca a pensar e que abrange a especificação de um tempo, de um espaço vivo compartilhado por mais de uma pessoa. Ao propor que o solo, o chão, a terra e a relação do corpo com ele seja o lócus a partir do qual são estruturados estes estados de atenção, Klaus Vianna ofereceu um dos princípios que fomentou a investigação dos pés com o solo mas também forneceu-nos uma chave de observação sobre como a maioria das estudantes e a própria docente, se relacionam com o chão ao sentar-se na carteira da sala de aula assim como em outros espaços.

Além de enfatizar que é preciso um redirecionamento de todo o corpo no espaço a partir do enraizamento dos pés com o solo e não um mero comando para corrigir a postura,

Jussara Miller sublinha a importância do olhar como apoio do corpo no espaço, um olhar não dirigido para a tela mas para as pessoas e para o ambiente: uma compreensão que também consideramos marcada pela perspectiva ritualística nos termos esboçados a partir de C. TÜRCKE

Sambaú e Obá foram os dois grupos formados dentro de um processo criativo de Carimbó junto aos estudantes de Pedagogia. Ao se experimentarem ao longo de três encontros semanais depois de terem estudado os tópicos articulações e apoios da TKV sistematizados por J. Miller, manifestaram a alegria em estarem consigo, umas com as outras, com o efeito da projeção de imagem no espaço; a cumplicidade de terem estado umas com as outras de um modo em que ainda não haviam experimentado, e sobretudo, o modo com que o olhar operou um efeito concreto de apoiar fisicamente seus corpos que dançavam, sobre como ele era uma conexão com a outra pessoa, mobilizando apoio, interação e a constituição de algo maior que ia para além delas mesmas.

Em suma, com a escuta final ao que disseram as estudantes e o estudante se confirmou as observações feitas ao longo do referido processo criativo, de que este, na sala de aula não tinha sido interrompido pelas telas digitais portáteis como disparadoras de choques audiovisuais que desconectam as pessoas do estar *offline*. Ao contrário, o *offline* foi intensamente experimentado com todas as dificuldades manifestas por pessoas que não tinham tido antes a oportunidade de se atentarem ao próprio corpo, aos seus movimentos e ao entorno como momentos de desfrute e de descobertas.

Ao retomar o andamento do processo criativo, desde as provocações feitas, o espaço, o tempo destinado às experimentações, pode-se concluir que embora o engajamento no processo criativo não tenha conduzido a uma reivindicação de espaço físico e social que foram indispensáveis para ele, propiciou o engajamento das pessoas com seus próprios corpos. Daí chegarmos ao fim deste ensaio propondo a valorização de processos criativos na formação de educadores e educadoras e argumentando que eles podem funcionar como ritos de fixação da atenção humana cuja força, como aponta TÜRCKE, está no fazer juntos. É como estudos rituais, que a TKV pode contribuir para que professores/as, escolas e universidades se exerçam como membros incentivadores da resistência frente a sociedade da sensação.

REFERÊNCIAS

MILLER, Jussara. **A escuta do corpo: sistematização da técnica Klaus Vianna**. 3ª edição. São Paulo: Summus, 2016.

TÜRCKE, Christoph. **Sociedade excitada: filosofia da sensação** (A. Zuin, F. Durão, F. Fontanella e M. Frungillo, trads.). Campinas: Unicamp, 2010.

TÜRCKE, Christoph. **Hiperativos! Abaixo a cultura do déficit de atenção**. Trad. Pedro José Antunes. São Paulo: Paz e Terra, 2016

VIANNA, Klaus. **A dança**. 4ª edição, São Paulo: Summus, 2005.